
Dimensões psicológicas em equipe de base de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades

*Thais Petroni Rocha Lima Silva,
Cristiano Roque Antunes Barreira*

Resumo

O objetivo desse estudo foi identificar e compreender as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo, sob uma perspectiva fenomenológica. Nove atletas fizeram parte da amostra e passaram por dois momentos de entrevistas. Um primeiro como exploração de suas histórias de vida na modalidade e, um segundo que se aprofundava nos relatos obtidos. Nos resultados foram descritas 6 categorias: Comunidade sobre duas rodas; Pedalar, exceder, reconhecer e novamente, pedalar; Não pode parar; O outro: o que marca e o que precisa ser marcado; Corporeidade e Ciclismo: muito além de pedalar. A partir delas, abre-se a compreensão do horizonte psicológico e dos desafios correlativos ao comprometimento com o ciclismo por parte dos atletas dessa categoria, aproximando-nos da possibilidade de fazer uso desse conhecimento para uma atenção psicológica voltada à modalidade, às metas e ao *coping* adequados a cada atleta e um a trabalho personalizado junto aos técnicos.

Palavras-chave: psicologia do esporte, ciclismo, categoria de base, pesquisa fenomenológica.

Psychological dimensions in a cycling junior team: a phenomenological study on its particularities

Thais Petroni Rocha Lima Silva, Cristiano Roque Antunes Barreira

Abstract

The objective of this study was to identify and understand the experiences and psychological challenges experienced by athletes in the junior cycling category, from a phenomenological perspective. Nine athletes were part of the sample and underwent two interviews. A first as an exploration of their life stories in the modality and a second that delved deeper into the reports obtained. In the results, 6 categories were described: Community on two wheels; Pedal, exceed, recognize and again, pedal; Can not stop; The other: what marks and what needs to be marked; Corporeality and Cycling: much more than cycling. From them, its opened the comprehension the psychological horizon and the challenges related to the commitment to cycling on the part of athletes in this category, bringing us closer to the possibility of making use of this knowledge for psychological attention focused on the sport, goals and adequate coping. to each athlete as well as personalized work with coaches.

Keywords: Sport psychology, cycling, junior category, phenomenological research.

Dimensiones psicológicas en un equipo junior ciclista: un estudio fenomenológico sobre sus particularidades

Thais Petroni Rocha Lima Silva, Cristiano Roque Antunes Barreira

Resumen

El objetivo de este estudio fue identificar y comprender las experiencias y desafíos psicológicos vividos por los deportistas de la categoría júnior de ciclismo, desde una perspectiva fenomenológica. Nueve deportistas formaron parte de la muestra y fueron sometidos a dos entrevistas. Un primero a modo de exploración de sus historias de vida en la modalidad y un segundo que profundizó en los relatos obtenidos. En los resultados se describieron 6 categorías: Comunidad sobre dos ruedas; Pedalear, exceder, reconocer y nuevamente, pedalear; No puede parar; La otra: qué marca y qué hay que marcar; Corporalidad y Ciclismo: mucho más que ciclismo. A partir de ellos, se abre la comprensión del horizonte psicológico y los desafíos relacionados con el compromiso con el ciclismo por parte de los deportistas de esta categoría, acercándonos a la posibilidad de hacer uso de estos conocimientos para la atención psicológica enfocada al deporte, la objetivos y el afrontamiento adecuado a cada deportista y trabajo personalizado con los entrenadores.

Palabras-clave: psicología del deporte, ciclismo, categoría junior, investigación fenomenológica.

Introdução

Pouco após ser inventada na França, a bicicleta já começava a se difundir massivamente pelo mundo. Desde aqueles primeiros dias, raramente, seus adeptos deixavam de experimentar a disputa de corridas descomprometidas. O gosto pelas mesmas não tardaria a se institucionalizar. Assim, sua existência contava apenas um século quando, em 1896, o ciclismo esteve entre as modalidades esportivas disputadas nos primeiros Jogos Olímpicos modernos. A popularidade do ciclismo esportivo varia de país para país e, ao menos no Ocidente, está intimamente relacionada à popularidade do uso da bicicleta no cotidiano de suas cidades. Os maiores ídolos esportivos em alguns países são seus ciclistas (Loudcher & Aceti, 2009). Embora muito usada no Brasil, o país não está entre aqueles em que a bicicleta goza de mais prestígio, seja no âmbito esportivo, seja no que diz respeito a seu aspecto cívico. Quanto a esse, a existência de poucas ciclovias e o desrespeito aos ciclistas no trânsito urbano são marcantes expressivos de variadas facetas das discriminações sociais no país e, às vezes, francamente violentos (Harkot, 2018)¹.

Na esfera competitiva, seus atletas não costumam figurar entre os melhor classificados no mundo do ciclismo e não existem muitos ídolos esportivos brasileiros associados ao ciclismo. Dessa forma, um grande desafio incide junto às categorias de base dessa modalidade, onde se formam os atletas com melhores condições de renovarem as principais equipes nacionais. Para tal, o desenvolvimento de um trabalho em Psicologia do Esporte mais efetivo junto às categorias de base do ciclismo, a fim de favorecer a formação de seus atletas, presume que se conheçam as experiências e desafios psicológicos por eles vividos.

A considerar pelo fato de o estudo inaugural na Psicologia do Esporte ter sido motivado pelo ciclismo - em 1898 Norman Triplett (Weinberg & Gould, 2017) conduziu um primeiro experimento de Psicologia do Esporte e de Psicologia Social, preocupado em saber se o desempenho de ciclistas era afetado pela presença ou não de outras pessoas pedalando junto - bem como pelo fato desta ser uma modalidade esportiva mundialmente praticada e disputada, a produção científica em torno dos aspectos psicológicos que envolvem a modalidade poderia ser consideravelmente volumosa.

Entretanto, chama atenção que uma recente revisão sistemática sobre a Psicologia no Ciclismo de Elite tenha triado apenas 14 estudos (Spindler, Allen, Vella, & Swann, 2018). Este número sugere que existam poucos trabalhos com o olhar para os componentes psicológicos no ciclismo. A sugestão mostra-se enganosa quando se observa com mais minúcia a maneira como esses autores chegaram ao pequeno número de artigos examinados. Nessa revisão, as escolhas dos autores, para afunilar as buscas de sua revisão, peneiram apenas estudos que relatassem mensurações empíricas com o uso de constructos psicológicos junto a amostras de ciclistas de elite, o que vem demonstrar que os filtros aplicados por Spindler *et al.* (2018), triaram apenas investigações com uso de metodologias quantitativas.

Phillips e Hopkins (2020), em sua revisão, ampliaram um pouco mais os critérios para filtrar estudos que almejam entender os determinantes do comportamento dos ciclistas e suas chances de sucesso. Por eles, um total de

¹ Marina Kohler Harkot, autora da dissertação citada e cicloativista, foi ela mesma, atropelada e morta em sua bicicleta na cidade de São Paulo no dia 8 de novembro de 2020.

44 artigos de pesquisa originais e 12 revisões foram considerados nesse trabalho. Em uma operação de síntese dos resultados, achados entre os estudos considerados, foi percebido que os desempenhos dos ciclistas profissionais são influenciados por diferentes dimensões e recursos. A partir dessa estruturação, foi realizada uma tentativa de entendimento de como elas podiam interagir para moldar o comportamento dos atletas e aumentar suas chances de sucesso.

Todavia, encaminhando-se para as conclusões do estudo, limitações para haver a compreensão do desempenho dos ciclistas foram surgindo, uma vez que, para isso faz-se necessária uma abordagem que permita que os elementos sejam considerados em conjunto, ao invés de isoladamente (Phillips & Hopkins, 2020).

Esse fato realça, na verdade, a falta de estudos e publicações que busquem analisar aspectos com foco na experiência de totalidade, nas quais, segundo Moustakas (1994), a busca de significados e essências da experiência, possam ambicionar atingir a totalidade do fenômeno.

Uma outra lacuna significativa se destaca quando vamos em busca de publicações a respeito de como se dá na prática o trabalho do psicólogo do esporte junto à equipe multiprofissional de equipes de ciclismo pelo Brasil e no mundo.

Entretanto, podemos observar um avanço com relação às pesquisas que buscam pensar modelos que privilegiem uma perspectiva que possa compreender as diversas transições enfrentadas por ciclistas em sua totalidade. Wylleman e Rosier (2016), nos proporcionam um passeio por modelos que levam em conta os diferentes focos nas transições que acontecem ao longo da carreira, que muito podem auxiliar quando pensamos na prática da Psicologia do Esporte, fornecendo uma perspectiva mais prática para alguns dos desafios de transições enfrentados pelos atletas ao longo de suas carreiras, nos apontando a importância de trabalhar no sentido de auxiliar os atletas a acharem “ajustes efetivos” entre as demandas das transformações que vão experimentando e seus recursos e estratégias de enfrentamentos.

Podemos citar o modelo de Transição de Carreira Atlética, proposto por Stambulova em 2003, que vem fornecer uma perspectiva mais prática para alguns dos desafios de transições enfrentados pelos atletas ao longo de suas carreiras, nos apontando a importância de trabalhar no sentido de auxiliar os atletas a acharem “ajustes efetivos” entre as demandas das transformações que vão experimentando e seus recursos e estratégias de enfrentamentos. Esse enfoque oferece pistas de como podem estar ocorrendo as intervenções específicas de psicólogos que atuam junto às equipes profissionais.

Atualmente, o HAC (Holistic Athletic Career) conseguiu delinear os estágios e transições normativas ocorridas durante a vida de um atleta, mostrando que elas não só coincidem, como influenciam o desenvolvimento dos atletas em todos os níveis de sua vida (Wylleman, Reints, & De Knop, 2013, como citado por Wylleman & Rosier, 2016).

Esse modelo, que norteou a conceituação de transições de carreira, vem fornecendo, de maneira significativa e não somente em pesquisas, bases

de aprofundamento e conhecimentos em intervenções específicas de psicólogos do esporte que atuam “no desenvolvimento (contínuo) do apoio à carreira do atleta (por exemplo, Escócia, França, Holanda, Bélgica)” (Wylleman, & Rosier, 1016, p.273, tradução própria) junto às equipes profissionais, tanto nas categorias elite quanto na base, como no “desenvolvimento de diretrizes sobre dupla carreira” (idem) na União Europeia.

As categorias de base são usualmente chamadas de “celeiros” das categorias profissionais, afinal, é nessa categoria que se potencializam os possíveis talentos a serem desenvolvidos. É sabido que a experiência esportiva nessa faixa de idade pode ser tanto uma condição que vulnerabilize e fragilize, como uma condição que favoreça o desenvolvimento psicológico desses meninos e meninas. Sendo assim, faz-se necessário oferecer também aos atletas em formação oportunidades de reflexão e contínua re-significação de seu envolvimento com o esporte (Salomão, 2018; Vannuchi, 2017).

Entre os desafios mais constantes no ciclismo está a renovação dos atletas que formarão as categorias profissionais. Para que essa renovação não seja casual ou ocasional, o trabalho de formação de atletas desde as suas categorias de base é determinante. O que nos países com tradição de ciclismo pode acontecer até “espontaneamente”, dado o ambiente em que esse capital cultural é transmitido, inclusive por herança dos costumes familiares (Januário, Morbi, & Marques, 2019), encontra no Brasil a necessidade de uma propulsão diferenciada².

Um levantamento de como questões típicas do momento de vida desses jovens e do envolvimento com a modalidade, internas e externas à prática, são vivenciadas e afetam seus comprometimentos e desempenhos, a exemplo do tema da escolha profissional, que incide em uma idade característica dos atletas de base, se conecta não apenas à volição dos ciclistas, mas ao modo como exercem, se comprometem e dão consequência às suas tomadas de decisão.

Objetivo

O interesse dessa pesquisa se delineou na direção de conhecer *quais* são e *como* essas experiências constitutivas das historicidades pessoais dos ciclistas de base levam esses jovens avante, motivo pelo qual o objetivo desse estudo identificar e compreender, sob uma perspectiva fenomenológica, a partir de relatos em primeira pessoa, as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo.

² Guardadas as proporções, pode-se comparar a situação com a do futebol brasileiro há algumas décadas e com as iniciativas tomadas por outros países, como a Alemanha, a França ou o Japão, por exemplo. Enquanto o Brasil contava com uma “geração espontânea” de talentos nos campos de várzea e no cotidiano de uma modalidade que se praticava amplamente desde a infância, esses países investiram em programas organizados de formação de jogadores que teve importantes resultados, vide a conquista da Copa do mundo de Futebol de 2018 por uma seleção francesa composta por jovens saídos desses programas. Já há algumas décadas, modelos europeus de formação de jogadores têm sido replicados no Brasil, dada a insuficiência do mito da geração espontânea de atletas ou do dom de jogar bola (Giglio, Morato, Stucchi & Almeida, 2008).

Para isso, esse estudo manteve-se no recorte qualitativo, fundamentando-se na perspectiva fenomenológica, com a intenção de buscar um conhecimento descritivo e, no limite, estrutural da experiência desses atletas.

Métodos

Fenomenologicamente, as historicidades singulares que os acomunam enquanto ciclistas da base precisarão ser traduzidas – ou *convertidas* – naquilo que se passa de essencial ao longo dessa duração, em outras palavras, no horizonte de intencionalidade que estrutura a percepção própria do ciclista nessa fase. Uma vez feito isso, será possível saber como os processos culturais inerentes à prática esportiva comprometida no ciclismo conferem uma subjetivação que habilita esses jovens a avançarem no enfrentamento das adversidades e desafios próprios à modalidade.

Nessa linha, a metodologia fenomenológica, se configura com atenção às especificidades do cotidiano e do mundo, através de um eixo qualitativamente objetivo. A abordagem fenomenológica procura uma compreensão sempre renovada dos objetos estudados, com seu particular interesse em compreender os fenômenos como uma perspectiva qualitativa que não se basta na representação dos mesmos, mas almeja aprofundar-se até a espessura intencional que os constitui (Barreira, 2017).

Uma pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica se concentra na busca de significados e essência da experiência, na expectativa de atingir a totalidade do fenômeno (Moustakas, 1994, como citado por Andrade e Holanda, 2010, p. 260). E, para tal, inicialmente, nos concentramos em pensar o tema a ser pesquisado: essa problematização inerente ao fazer fenomenológico permitiu delimitarmos nosso objeto e objetivo. Definido o objeto de experiência, delineia-se um roteiro que possibilite explorá-la por meio da entrevista fenomenológica. Com os relatos já “colhidos” e transcritos, a análise fenomenológica é feita por meio do cruzamento intencional e a partir da chamada redução fenomenológica, que é caracterizada pelo exercício de reflexão sistemática que tem como alvo o fenômeno na forma como se mostra nos relatos, afastando conceitos, ideias e julgamentos prévios sobre o mesmo (Salomão, Ottoni, & Barreira, 2014), movimento que busca os sentidos atribuídos pela experiência pessoal de cada participante, e, passa-se ao cruzamento intencional que se apoia na comparação entre todos os relatos evidenciando a estrutura vivencial que sustenta os sentidos comuns presentes nos relatos de experiência examinados.

Amostra

A amostra intencional foi composta por atletas de base de uma equipe de ciclismo de uma cidade do interior de São Paulo, com cerca de 750.000 habitantes, de idades que vão desde doze a dezoito anos. A equipe, desde sua formação, conta com treinador, coordenador, mecânico e psicóloga do esporte. No período que foram realizadas as entrevistas, a categoria de base era composta por 15 atletas, era mista e todos os atletas foram convidados a participar das entrevistas. Apesar de realizarmos entrevistas com participantes dos dois sexos, não foram enfocadas particularidades relacionadas ao que pudesse ser identificado como questão de gênero. No

total, 9 atletas fizeram parte da amostra, com idades de 12 a 18 anos, com, no mínimo, 3 anos de prática na modalidade.

Entrevista Fenomenológica

A chamada “coleta de dados” – uma *produção intersubjetiva de relatos de experiência* (Barreira, 2017) – desse estudo fez uso de entrevistas semiestruturadas, contendo perguntas disparadoras e mobilizadoras, que foram realizadas remotamente, devido aos protocolos estabelecidos pela pandemia, através dos softwares Skype e Google-Meet.

A entrevista fenomenológica se apresentou como o instrumento principal da presente pesquisa executando a *escuta suspensiva*, operação que aplica no diálogo as prerrogativas do método fenomenológico. Segundo Barreira e Ranieri (2013), Barreira (2017) e Barreira e Coelho Jr. (2023), este direcionamento corresponde à clareza do entrevistador de que ele almeja colher uma experiência cujo sentido ele não tem propriedade, mas é antecipado de modo não preenchido, vazio. É desse sentido vazio e da curiosidade do pesquisador em preenchê-lo, a partir das experiências relatadas pelo entrevistado, que decorre a entrevista fenomenológica.

Assim, a cada preenchimento gradativo de sentido, acompanham-se experiências de desconforto do pesquisador que o levam a agir a fim de captar melhor um sentido insinuado, mas não revelado, ou até não compreendido pelo entrevistador. O entrevistador deve se encarregar de transformar esse desconforto em questões que vão, cada vez mais, clarificando o fenômeno na medida em que, a cada resposta, venha à tona uma nova expressão que evidencie melhor em sua experiência compreensiva a experiência vivida e expressa por ele. Dessa forma, as questões que vão sendo feitas pelo entrevistador antecipam um possível preenchimento desse vazio de sentido, que, todavia, não deve ser preenchido por ele mesmo, por suas próprias pré-disposições, suas crenças em respostas possíveis, mas mobilizar a abertura a um novo preenchimento a partir do pedido de sua elucidação por parte do entrevistado no momento da entrevista (Barreira, 2017; Barreira & Ranieri, 2013). Essa atitude do entrevistador, de suspensão do juízo natural a respeito das coisas, em pesquisas fenomenológicas, foi o que garantiu que não houvesse nenhum conflito ético com a escolha da pesquisadora em ouvir atletas de sua equipe. A aprovação do projeto para execução da investigação em Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE 32811220.0.0000.5407) assinala a ausência de conflitos do gênero.

O caminho percorrido pela pesquisadora, deslocando-se objetiva e subjetivamente de um lugar ativo na prática, enquanto psicóloga da equipe, para o de investigadora, exigiu que o conceito de escuta suspensiva fosse “seguido à risca”. Os anos de convivência e trabalho com essa equipe ciclística acarretam uma farta bagagem de saberes e conceitos interventivos que precisaram ser, temporariamente, cancelados a fim de não se sobreporem àquilo que deveria ser privilegiado na entrevista, isto é, o mergulho na experiência autêntica (Coelho Júnior & Barreira, 2023) e a busca por sentidos expressivos do vivido em primeira mão por cada entrevistado.

Certamente esses pensamentos acompanharam todo percurso da pesquisa, desde a elaboração das perguntas para as entrevistas, durante as mesmas e até mesmo na parte das análises. Porém em busca de, efetivamente, identificar e compreender o objeto que buscávamos – as experiências e desafios psicológicos vividos pelos atletas – eles foram colocados de lado, e uma produção de relatos de experiência nova e “intersubjetiva” pode acontecer. E, é válido pontuar, que essa maneira de manejar a investigação permitiu que começássemos a ocupar um espaço de olhar específico e comprometido com as particularidades e especificidades do ciclismo que, conforme constatado pelo levantamento bibliográfico, encontra-se deficitário.

Procedimentos

Foram realizadas duas entrevistas com cada atleta. Uma inicial e mais abrangente, voltada à exploração da história de vida do atleta, que através de perguntas disparadoras, previamente estabelecidas, buscou estabelecer o contexto da experiência dos participantes, permitindo, através da narrativa de suas histórias pessoais, que pudessem reconstruir os detalhes de suas experiências. Trata-se de apreender o horizonte pessoal e histórico em que estão situadas as experiências que delineiam o objeto da pesquisa.

Para isso ela foi pensada e planejada de modo coerente e consequente ao objeto já estabelecido da pesquisa. Isso significou investir na formulação de questões que pudessem abrir o sujeito às experiências que estão sendo investigadas, permitindo uma exploração das mesmas conforme o sujeito as viveu (Martins & Barreira, 2021).

Questões norteadoras foram pensadas para compor esse primeiro momento. São elas: “fale sobre o seu início no ciclismo”; “ao longo de sua trajetória, você vivenciou desafios? Se sim, como foram esses desafios” e, “você percebeu alguma mudança em suas experiências após vivenciar esses desafios? Como foi isso para você?” Ao longo de cada encontro, novas questões surgiram como complementos a essas questões, permitindo a exploração específica daquilo que era contado, a partir de vazios compreensivos ou mesmo daquilo que foi aparecendo ao longo do encontro, permitindo um aprofundamento ainda maior nessas experiências para as próximas entrevistas.

A partir desse primeiro momento de entrevista, gatilhos para exploração do horizonte de experiências e desafios significativos foram surgindo, permitindo construir a segunda entrevista, mais específica e voltada a aprofundar as experiências pessoais. Esse segundo roteiro foi pensado de forma individual para cada atleta, sendo particularizado em razão das respostas dadas às primeiras entrevistas. Suas perguntas visavam designar e facilitar a volta às próprias experiências, identificadas na primeira entrevista, como uma maneira de encorajar a “reviverem” aqueles fatos, para trazer mais detalhes nesse novo encontro. Contou com algumas perguntas norteadoras, buscando facilitar essa volta às próprias experiências desafiadoras na modalidade, apresentadas de modo a encorajar o relato de como foram vividas.

Análise

A análise fenomenológica é feita por meio do cruzamento intencional, um processo de múltiplas reduções fenomenológicas, iniciadas pelo que consiste em uma abstenção de toda a experiência prévia acerca do objeto. Essa abstenção da validade de experiência prévia não equivale a negá-la, mas sim a resguardá-la para que o fenômeno emergja a partir da experiência do outro e se mostre em sua plenitude. Depois de mostrados os sentidos atribuídos pela experiência pessoal de cada participante, passa-se ao cruzamento intencional que se apoia na comparação entre todas as entrevistas para que se evidencie em meio aos sentidos comuns presentes nelas a estrutura de vivências constituintes do fenômeno (Barreira & Ranieri, 2013). A redução e o cruzamento buscam, portanto, descrever a correlação entre o objeto da experiência e a experiência deste mesmo objeto, tomando-a como experiência vivida. Neste caso, chega-se com estes procedimentos à descrição essencial das experiências vividas por atletas de base.

Portanto, evidenciou-se que, de acordo com o objeto – experiência e desafios psicológicos vivenciados por ciclistas – este método foi compatível com a proposta desta investigação. Nele se imprime um caráter inicialmente descritivo, ou seja, o processo de análise dos resultados obtidos passou por uma descrição da experiência vivida pelos atletas, assim como a descrição, reconhecimento e compreensão dos significados psicológicos essenciais desta experiência. Já o resultado final de toda a análise refletiu no desvelamento da estrutura intencional dessas experiências, ou seja, aquilo sem o que elas não emergiriam em sentidos e falas significativas. Assim, pelo cruzamento intencional compareceram os elementos que perfazem a estrutura intencional do horizonte psicológico do ciclista de base.

Resultados

Os resultados dessa pesquisa se relacionam diretamente à opção metodológica pela realização de duas entrevistas com cada atleta. Mais do que obter respostas a perguntas, essa estruturação permitiu que eles se apropriassem de suas vivências, articulando-as em linguagem verbal. Suas respostas foram de simples relatos de acontecimentos a novas percepções de como viveram, mais primariamente, aqueles acontecimentos, o que corresponde tanto a uma produção intersubjetiva de relatos de experiências, como uma operação que retoma e aprofunda essas experiências, valorizando-as enquanto momentos decisivos de uma subjetivação que os faz ciclistas, logo, que as caracteriza como expressivas dos processos culturais próprios à modalidade.

Os resultados foram se compondo por meio de agrupamentos de sentido, fruto de uma análise intencional pela qual a individualidade de cada relato favorece a emergência e o reconhecimento do que não é apenas individual, mas próprio à experiência no ciclismo. A análise permitiu detectar aquilo que atravessa as experiências individuais apreendidas nos relatos e, por meio do método já detalhado, se dá um passo adiante, rumo à estrutura vivencial dessa experiência pesquisada.

Desta forma, esses resultados buscam descrever os elementos comuns que nos levaram a uma descrição da estrutura vivencial da

experiência vivida por esses atletas de categoria de base do ciclismo. Sendo assim, os elementos que caracterizam o fenômeno estudado foram descritos em alguns temas entrelaçados entre si, dando base aos agrupamentos que foram se apresentando, são eles: Comunidade sobre duas rodas; Pedalar, exceder, reconhecer e novamente, pedalar; Não pode parar, não pode parar; O outro: o que marca e o que precisa ser marcado; Corporeidade e Ciclismo: muito além de pedalar.

A seguir temos as descrições desses agrupamentos acompanhadas de alguns relatos dos participantes do estudo, que foram chamados com os nomes dos 9 países mais bem colocados no campeonato mundial de ciclismo de estrada, conforme ranking da UCI de 2022, a fim de preservar suas identidades.

Comunidade sobre duas rodas

Iniciar, permanecer e, principalmente, “pegar firme” são momentos de um processo de amadurecimento esportivo que passam, inevitavelmente, por uma inserção na complexidade esportiva do ciclismo, o que, para nossos ciclistas, não ocorre sem haver uma importante experiência comunitária. Nela, experiências vividas pelos atletas vão sendo orientadas, motivadas e conduzidas a bom termo com a efetiva participação do outro. Essa “comunidade sobre duas rodas” promove a circulação do conhecimento tácito, evidenciando que o saber não deve ser pensado apenas como uma questão individual, mas na troca com o outro e no decorrer do tempo dos acontecimentos. Esse fato já torna esse esporte, individual por princípio, numa modalidade coletiva por vivência. As menções a essa faceta comunitária da experiência estão dispersas em todos os relatos concedidos, diferenciando-se em seu conteúdo, mas assemelhando-se na ênfase de sua relevância. Assim, há quem conte, no relato abaixo, que “nem ia saber sobre ciclismo esporte”, e acreditava ser apenas passear de bicicleta, não fosse a “ajuda” dos técnicos:

... os técnicos ajudando muito nas competições... acho que isso ajudou muito, o apoio da equipe para eu começar de verdade. Porque, se eu não soubesse da equipe, acho que até hoje eu nem ia saber sobre o ciclismo, ia pedalar só pra passear mesmo. (Itália)
Eu pensei em desistir muitas vezes, muitas. Mas, depois você vai pegando amizade com o pessoal, vai enturmado. (Países Baixos)

As adversidades, em outro exemplo, não seriam enfrentadas sem incentivo e ajuda de quem também as conhece:

A dificuldade me fazia não gostar, eu falava: “por que estou aqui, se estou só perdendo?” Ah, incentivo das pessoas! Meu pai nunca me deixou desanimar. Meu irmão sempre treinando, todo dia. Os técnicos me ajudando também. Ah, muita gente me ajudou no começo, né... porque é difícil, o ciclismo é um esporte muito duro. (França).

Pedalar, exceder, reconhecer e, novamente, pedalar

A capacidade de “adestramento”, de adaptação, de acúmulo de competências, tão pertinente às categorias de base no ciclismo, está

intimamente ligada à corporeidade. Afinal, enquanto em outras modalidades fundamentos básicos (manchetes no vôlei, arremessos no basquete, domínio de bola no futebol...) podem ser infinitamente treinados, no ciclismo parte-se da ideia de subir na bicicleta e pedalar até a linha de chegada. O percurso entre início e fim do pedal deixa de ser uma ideia e se incrementa com as experiências vividas. Essas experiências ganham volume na medida em que a melhora vai acontecendo, na medida em que os resultados vão aparecendo e isso vai sendo satisfatório, fazendo desse um conhecimento prático, sensorial e cognitivo, se assemelhando a uma engrenagem. Assim que os atletas totalizam um limite até sua extremidade, a engrenagem se articula a uma nova roldana que leva o destravar da construção de um novo limite.

Eu tenho um profissional que me ajuda com os treinos. Mas mesmo com ele, eu tenho que passar o que eu sinto, né? Porque não é só passar o treino, achando que eu ia me recuperar nesse dia e acabo não recuperando. Então tenho que expressar o que eu estou sentindo para ele. E a partir disso ele vem. E aí vou sentindo isso, por exemplo, se eu vejo que eu descansei na segunda-feira e vou andar na terça e as pernas ainda estão pesadas, tô cansada, não consegui sair do lugar. Então, um dia de descanso não foi o suficiente. Então na quarta tenho que descansar de novo. (Bélgica).

...eu sempre ia fazendo um treino que me puxava um pouco. Tipo, hoje a gente vai andar 100 km, e era sofrido, até que ele ficava tranquilo, aí era hora de aumentar um pouco mais. E fui fazendo assim. E chega uma hora que você só vai. Chega uma hora que você só vai. (Eslovênia).

Não pode parar, não pode parar

Em algum momento, a beira do limite, percebe-se sendo ultrapassada e ganha a nitidez de uma fala para si: “não vou conseguir mais”. O organismo, entrando em exaustão, faz seu aceno. Contrariar e ganhar dessa asserção (“não dá mais”) requer que não se ceda, requer esforço e persistência no esforço.

Nossa, sede, vontade de deitar no chão, eu não quero mais, vontade de sair, sei lá, correndo. Tudo isso em cima da bicicleta. Vontade de parar. Vou parar. Não, não vou. (Eslovênia).

Suplantar os próprios limites, alargar os confins do manejo das forças, começa a despontar como uma referência decisiva e constante para os ciclistas. Superar aqui não é deixar algo para trás, mas seguir com um novo recurso desenvolvido como “super-ação”. Esses acontecimentos vão possibilitando um aprendizado, um desenvolvimento. Um passo a mais em termos de perspicácia, um maior desenvolvimento enquanto ciclista.

Aí começava a doer, queimar tudo, falava nossa não vou conseguir, daí tirava a energia lá do fundo. É quando você não aguenta mais, quando você não consegue mais fazer nada, daí você pensa, não, eu preciso ir. Daí tira energia não sabe nem da onde, mas vai. Fecha o olho e esquece que está doendo, e vai. (Itália).

...não tem uma parte do corpo que fica parada quando você está pedalando forte. Então, se você não tem aquele sofrimento, aquela amargura na boca, aquela falta de ar, tosse com falta de ar, você não fica bom. (Países Baixos).

Continuar a rodar a trajetória de formação de suas identidades como ciclistas passa por apreender essas facetas da corporeidade, numa unidade que ancora vivências de sensações, esforços, percepções e decisões em um “corpo-sujeito”, afastando-os de se tornarem apenas corpos que desempenham um papel em algum espetáculo, para serem uma expressividade viva, um modo de ser no mundo com o ciclismo.

O outro: o que marca e o que precisa ser marcado

Ainda que entendamos o ciclismo como um esporte individual, o outro precisa ser visto como necessário para a totalidade da prática. Os adversários apresentam-se como uma referência primordial quando começamos a nos aprofundar nas experiências relatadas por nossos entrevistados. Na presença desse outro, nota-lo, perceber suas atitudes e comportamentos, antes e durante a corrida, definir o que mostrar, o que dissimular, o que fingir para que ele veja, são condições que compõem como habilidades a serem desenvolvidas pelos atletas de base do ciclismo.

Na corrida é já aquela tensão, você tem que ficar esperto, saber ler o seu adversário, saber se ele está bem se ele tá mal. Eu fico pensando se ele desceu mais colocou uma marcha mais pesada, talvez ele esteja com fadiga nas pernas e aquilo já entra na minha cabeça. Tem que ficar bem atento com isso. (Bélgica).

É a base elementar da intersubjetividade, a base afetiva, também chamada intercorporeidade: ser marcado pelo outro, mas, também precisar prestar atenção no outro, como ele está, o que está mostrando. A empatia aparece aqui, agindo de maneira que lhes permite tomar decisões. Conhecer para decidir, se conhecer para decidir, e, principalmente, dar-se conta das condições do outro para decidir como agir.

Eu, como ando há bastante tempo e tudo, no jeito da pessoa andar você sabe se ela é forte. No jeito que ela reage, tipo assim, se olha na cara da pessoa e ela está lá, fazendo força, fazendo força lá no pelotão você sabe que ela está sofrendo e você está de boa, você já percebe que ela não está tão bem treinada, aí já dá pra ver. Tudo conta. (França).

Corporeidade

A ideia de puro esforço, achar que seria apenas sair, pedalar e ganhar, que normalmente acompanha os ciclistas em seu início na modalidade, vai sendo, aos poucos substituída pela ideia de que se faz necessário esse conhecimento muscular, uma aprendizagem no próprio corpo, um saber palpável para eles. Conhecimento corporal, experiência e posicionamento em relação a isso.

Eu fui me conhecendo. Eu já consigo usar músculos diferentes na perna, tem a parte da perna da frente, a coxa, e o posterior né? É uma alavanca a bike. Tem que saber, senão não termina. (Eslovênia)

Cada pessoa tem seu tempo, o meu eu sei que 30, 40 minutos. Eu descobri meu tempo treinando. Antes ele colocava tipo 20 minutos, aí eu comecei sentir as pernas, falava não, 'não está bem'. Então coloca 30: aí eu já comecei a ver que estava, ali era bom para mim, é o mínimo que tenho que fazer, 30 minutos. (França).

Eles têm as instruções, as prescrições daqueles que os orientam na equipe, mas é quando estão vivendo a ação, que acontece a possibilidade de fazer essa conexão: concatenar o entendimento e a experiência do corpo vivido, estimar a relação mais acertada de uma dupla esfera do corpo, a afetiva – a esfera sensível do que se passa com o corpo – e a operativa, conduzindo a uma mudança de percepção para a capacidade. O aprendizado, o avanço ou a maturidade no esporte tem a ver com interpretar o que eles sentem fisicamente e tirar consequências disso para seus desempenhos. Isso se passa na prática, no movimento, nas experiências sucessivas, em tentativas, erros, melhorias sem as quais as frustrações derrotariam a formação do ciclista profissional. O que esse saber corporal enuncia é que não basta falar ou explicar a respeito, é preciso viver, repetir a vivência, emulá-la perseguindo a melhor capacidade.

Eu aprendi o vácuo com meus amigos que treinavam comigo. Eles falavam que quem andava atrás, andava descansando, mas [eu] não via diferença. Até que, em uma descida eu estava puxando, estava fazendo força, pedalando forte e meu amigo atrás de mim, descansando, sem pedalar sem nada. Aí eu fiquei pensando, 'como isso é possível? Eu tô fazendo força e ele andando junto comigo sem pedalar'. Aí que eu fui me tocar que realmente tem o vácuo. (Bélgica).

Ciclismo: muito além de pedalar

De diferentes maneiras, os atletas entrevistados trouxeram os ganhos, as conquistas, as expansões de um modo de serem engrenados no mundo que os faz ciclistas. E só os faz ciclistas porque, ao se engrenarem, assentem com o desafio de se fazerem a si mesmos na ação de perseguir o alargamento de seus limites no engajamento recompensador de suas forças de vontade. A cada um deles, o ciclismo possibilitou experiências únicas de se desafiarem e descobrirem a satisfação de uma nova ultrapassagem de limites. Estar em relação com eles próprios, com seus corpos, suas dores, seus avanços e com o outro, provocou a aquisição de um modo de ser no mundo vivido por poucos, a bem dizer, carnalmente, apenas por aqueles que participam dessa comunidade de prática e insistem em não parar, mas estar “sempre correndo atrás até conseguir”.

Você pode andar, ir longe, sozinha. É você, super, sua força... quando você sobe bem, fez força e subiu bem, você se sente forte, incrível. Aí, quando está descendo aquele ventinho gelado. É subir bem e ter prazer em descidas bonitas. (Eslovênia).

Empenho e desempenho, resultando em capacidade que se confirma na ação, encontram equivalência nessa sensação de liberdade, de felicidade, de satisfação que, inclusive, lhes permite se vincularem e se comprometerem ainda mais com o esporte.

É, competir uma prova que aos poucos, você fala assim, 'nunca vou conseguir correr essa prova', mas aos poucos você vai mudando sua realidade. (Bélgica).

Discussão

Ao nos desprendermos do que os atletas falam, passamos a ver o que constitui essa fala. Penetra-se a camada representativa, adentra-se o que é falado. Eles estão falando de avanços e conquistas, a direção ineludível de quem corre competitivamente, mas a fala não para aí: ela é a abertura ao que se apresenta como uma reorganização geral do modo de ser presente. De um objetivo inicial – pedalar e sair na frente – passa-se a novos objetos, a uma percepção ampliada em que vários elementos conferem ao todo bem mais do que o ponto de partida e o ponto de chegada. A percepção do todo requer progressiva apropriação de novos objetos em vários momentos. Tudo isso para fazerem o que já sabem: pedalar. Todavia, saber pedalar já não é mais o que já sabem.

Esse sujeito que assume um ponto de vista é o meu corpo como campo perceptivo e prático, enquanto meus gestos têm um certo alcance e circunscrevem, com meu domínio, o conjunto de objetos que são familiares para mim. A percepção é aqui compreendida como um todo que por princípio, não é captável, senão através de algumas de suas partes ou alguns de seus aspectos. A coisa percebida não é uma unidade ideal possuída pela inteligência, por exemplo, uma noção geométrica; é uma totalidade aberta para o horizonte de um número indefinido de visadas perspectivas, que se recortam segundo certo estilo, estilo que define o objeto de que se trata. (Merleau-Ponty, 2015, pp. 36-37).

Essa citação de Merleau-Ponty, nos permite entender como pode ocorrer essa mudança de organização. Os atletas relataram que em seus inícios de carreira, acreditavam que para ser um bom ciclista bastava pedalar forte para chegar em primeiro. Contudo, ao longo do percurso foram se dando conta de que essa “simples” ação só pode ser efetiva quando ganha novos relevos, contornos orgânicos e práticos que norteiam essa aquisição. A estrutura do comportamento não é, meramente, baseada em estímulo resposta, envolve uma percepção do ambiente. Inicial e operativamente, o ambiente não era percebido (ou, mais precisamente, expresso) mais do que como pegar a bicicleta, sair e pedalar. Posto no campo prático das experiências vividas, das orientações, observações, dificuldades, a totalidade ganha uma unidade multifacetada: alimentação adequada, treinamento, descanso, estratégias aprendidas, derrotas sofridas, melhorias de marcas, numa percepção cuja fruição e apego os engrena no mundo enquanto atletas de ciclismo.

Como vimos, por se tratar de uma modalidade complexa, seu início de prática está associado a uma importante experiência comunitária. Essa participação efetiva do outro, apresentado por nossos entrevistados como familiares, treinadores, companheiros de equipe, patrocinadores, permite que eles possam não só adentrar no mundo das competições, como também, permanecer e continuar firmes no esporte. A considerar pelos relatos de nossos entrevistados, mas também pela suposição do impacto de sua ausência, a participação ativa, seja através de incentivos, colaborações, instruções e encorajamentos, proporciona uma assistência indispensável para que sejam capazes de se desenvolver e amplificar suas competências, inclusas as psicológicas, para a prática da modalidade. Vimos evidenciar-se como o fomento coletivo colabora e impulsiona a construção da atitude de atleta.

Iniciar, permanecer e, principalmente, “pegar firme” são momentos de um processo de amadurecimento esportivo que passam, inevitavelmente, por uma inserção na complexidade esportiva do ciclismo, o que, para nossos ciclistas, não ocorre sem haver uma importante experiência comunitária. Nela, experiências vividas pelos atletas vão sendo orientadas, motivadas e conduzidas em bom termo com a efetiva participação do outro. Essa “comunidade sobre duas rodas” promove a circulação do conhecimento tácito, evidenciando que o saber não deve ser pensado apenas como uma questão individual, mas na troca com o outro. Tornando, inclusive, esse esporte individual por princípio, em coletivo por vivência.

As experiências de treinos, descritas por nossos atletas, nos levaram a entender que são cruciais para que possam se conhecer, estabelecer seus limites e mais que isso, superá-los com a finalidade de progredir. Interessante notar que esse progresso pode ser relacionado à imagem da engrenagem: à medida em que os resultados vão aparecendo e isso vai se mostrando satisfatório, engrena-se a um conhecimento prático, sensorial e cognitivo, uma totalidade perceptiva que é subjetivamente central para o modo como se aplicam num círculo virtuoso de engajamento e desempenho.

Conforme os atletas vão relatando suas experiências, podemos ir percebendo como os “aprendizados” vão sendo assimilados, ou melhor, desenvolvidos como lições extraídas de adversidades que passam a ser notadas sob a perspectiva nova de uma maneira peculiar de lidar melhor com as situações. O adversário aparece para eles, inicialmente, como uma distração e uma ameaça, uma presença incômoda que demanda um investimento de energia para ser “monitorado e estudado”, influenciando a maneira com que eles próprios se colocam na corrida. A ameaça de ser lido durante a prova e por isso se notar em desvantagem, passa a ser entendida como uma possibilidade de manejar maliciosamente os sinais para essa leitura. Isso se dá conjuntamente à capacidade que vai sendo adquirida de ler os adversários no que se refere a seu estado físico e intenções, bem como na percepção de que eles também podem enganá-los. Trata-se de uma maturidade, nem sempre verbalmente articulada, que vai sendo conquistada a partir de suas experiências.

Sabemos que conhecer sobre seus limites, aptidões, forças e fraquezas é uma condição importante para se efetivar uma evolução em diferentes áreas da vida contemporânea. Ao longo das falas de nossos atletas, confirma-se como é imprescindível desenvolver um autoconhecimento para progredir, também, no ciclismo. Sabidamente, o apoio e a instrução de treinadores e preparadores é fundamental para a construção de uma boa carreira, mas nossos ciclistas apontam para o quanto “experimentar em seus próprios corpos”, “conhecer seus funcionamentos fisiológicos e limites” se apresenta como a maneira, pela qual, verdadeiramente, ocorre uma conexão efetiva entre o que é ensinado e o que deve ser vivido de fato.

Entretanto, fica claro que para haver o que estamos chamando de “nova Gestalt” não é suficiente haver o ensinamento, a fala – seja a de

outrem ou a auto-fala –, a instrução, o sentido do que vem de fora, mas é necessário haver o preenchimento vivencial. Pode-se recorrer a Edith Stein (2021) para ilustrar essa ideia ao afirmar ser necessário que essa percepção do ambiente e com o ambiente nos afete a ponto de trazer uma modificação e que, ao mesmo, tempo haja mudanças no externo, como uma modelação. É a corporeidade, que vai promovendo a formação de um modo de ser no mundo ancorado em suas possibilidades e dimensões de trocas.

O que pode ser considerado matéria estruturante para a alma é por ela acolhido em seu interior e dilata-se com ela. Assim, a alma cresce, torna-se rica e ampla, mas, ao mesmo tempo, ela cresce para que cresça o mundo para o qual ela olha compreensivamente e no qual ela pode intervir, modelando-o. (Stein, 2021 p. 115).

Stein (2021) pontua ainda que “não é apenas acolher e crescer, *mas organizar o que é acolhido*, para, então, modelar-se, formar a si mesma segundo um “molde” ou uma “imagem”, a fim de, para além disso tudo, intervir no mundo circundante e dar-lhe um ordenamento. Vemos perfeitamente isso, quando nossos atletas relatam que suas maiores aquisições se davam quando seus corpos experimentavam, na prática, o que muitas vezes tinha sido apenas ensinado.

Essas competências passam por suas experiências, por modificações de suas percepções, por exigências de engajamento e por suas dificuldades, isto é, presumem um desenvolvimento que não se resume ao treinamento físico e às conquistas de marcas nas provas, mas requerem conquistas subjetivas e somáticas que participam ineludivelmente como correlatos dessas conquistas objetivas.

Nesse sentido, através do objetivo inicial de conhecer e compreender as experiências e desafios psicológicos de ciclistas de base, é possível frisar o tensionamento entre corpo objeto e corpo sujeito, na luta entre necessidade (de repouso) e capacidade (de agir). Podemos perceber que habita aí a possibilidade de um refinamento da técnica corporal do atleta, permitindo uma melhoria em seu desempenho. Esse mergulho na corporeidade, após todas as entrevistas terem sido realizadas e analisadas, nos possibilita avançar no sentido de oferecer recursos para uma Psicologia do Esporte mais atenta às singularidades dessa modalidade.

Com os recursos tecnológicos atuais, não é difícil conhecer o traçado de um trajeto ciclístico, o que pode ser feito com o uso de aparelhos eletrônicos como o GPS, permitindo detectar as distâncias, as inclinações e até ver, nas telas de telefones celulares, as imagens do caminho a ser percorrido. Pode-se também registrar, conhecer e usar para a tomada de decisões, em tempo real, dados fisiológicos por meio de instrumentos, como frequencímetros acoplados a relógios. Há escalas, como a de percepção de esforço, úteis para estimar o nível do desempenho ao longo do pedal. Não há, contudo, dispositivo eletrônico para conhecer como se passa a percepção do ciclista que segue o traçado e cumpre uma

prova, menos ainda para acompanhar a percepção no longo prazo de uma transição de carreira.

Podemos afirmar que os resultados obtidos correspondem ao recorte posto no objetivo: identificar e compreender experiências e desafios psicológicos de atletas de categoria de base, por meio de uma descrição mais precisa e específica de como os jovens ciclistas vivenciam a modalidade. Esses resultados também apontam para o acerto da estratégia metodológica utilizada, com duas entrevistas fenomenológicas possibilitando um acesso sucessivamente mais aprofundado às experiências dos atletas.

O ganho extra obtido na utilização desse segundo momento de entrevista foi notável. Nele, os atletas voltaram a entrar em contato com situações trazidas em suas primeiras entrevistas, puderam experimentar uma nova oportunidade de reflexão e, agora também, de mergulho e elaboração de suas vivências. Suas falas, ao longo dessas segundas entrevistas, nos apontaram para como esse processo pode acontecer e, inclusive, ser, de alguma maneira, percebido por eles mesmos, oportunizando um “dar-se conta” de suas evoluções e, ao narrar, eles puderam reconstruir e contactar esse processo de seu próprio desenvolvimento, de perceber como foram mudando e apreendendo. Essa produção permitiu que visualizassem melhor os recursos que têm e como aprenderam a usá-los, podendo, de fato, se apropriar dessa sua nova condição, nos levando, inclusive, a atribuir um caráter devolutivo a esse encontro.

Objetivamente, a formação de um atleta profissional de ciclismo pode ser mensurada por marcas em seus desempenhos que, gradativamente, confirmem sua competitividade em provas de elite. Para tanto, instrução adequada, trabalho em equipe, treinamento regular, planilhas de treino, bons equipamentos, repouso, orientação nutricional, participação em provas, investimento financeiro, são alguns dos fatores que podem ser elencados como indispensáveis – ou quase – para viabilizar uma trajetória de profissionalização.

Subjetivamente, os *habitués* do campo sabem bem que é necessário comprometimento, priorização, força de vontade, resiliência, motivação, concentração, entre outras qualidades psíquicas, para que os fatores objetivos sejam realizados. Todavia, se as planilhas de treinamento são preparadas com base em conhecimentos fisiológicos aplicados à periodização esportiva, se a prescrição nutricional é subsidiada no cálculo adequado de consumo energético, via de regra, a atenção à dimensão psicológica é intuitiva, baseada, sobretudo, em analogias com a experiência pessoal. Entretanto, enquanto planilhas e dietas adequadas cotejam conhecimento científico e individualização da prescrição, cotejamento que equivale a um processo de mediação e ajustamento necessário para a melhoria de desempenho almejada, por outro lado, a mediação psicológica para a qualificação subjetiva do ciclista acaba restando na arbitrariedade de analogias e recomendações dos técnicos e dos ciclistas mais experientes para os menos experientes.

Temos na literatura alguns exemplos de como isso vem acontecendo no mundo do ciclismo. Em seu livro, *Sport Psychology for Cyclists*, Saul Miller e Peggy Mill (1999) apresentam um programa de Psicologia do Esporte para ciclistas, produzido através de 8 sessões com ciclistas profissionais. Ao longo da leitura, podemos perceber que não se trata de fruto de uma pesquisa científica, mas de orientações tiradas da experiência desse psicólogo do esporte, que faz uso de técnicas e abordagens de certo conhecimento geral, sem olhar para as especificidades da modalidade. Certamente existe um valor nessas iniciativas, contudo, denota mais uma vez a lacuna de bibliográfica referente a um objeto como o proposto nesse estudo.

Trata-se aqui, tão somente, de constatar que, por mais que sejam ancoradas em experiências válidas e em bons conselhos – participando inclusive de um processo comunitário apontado pelos resultados como indispensável para o desenvolvimento da cultura pessoal na modalidade – existe uma lacuna de conhecimento científico e, muitas vezes, de mediação profissional para um cotejamento que individualize a atenção psicológica. Isso requer uma reflexividade sensível à subjetividade (Matos e Barreira, 2023).

Entramos na dimensão mais propriamente humana do conhecimento, a do sujeito da ação ciclística, esfera a que uma Psicologia do Esporte de orientação fenomenológica pode se desafiar a conhecer. Se, por um lado, esse conhecimento é implícito à prática e “natural” para o ciclista, por outro, é justamente essa proximidade subjetiva de um saber também subjetivo que o torna um conhecimento fugaz, fugidio, desfeito à tradução em palavras. Por isso mesmo, esse conhecimento é tantas vezes apresentado e posto em prática como um saber objetivo e prescritivo, generalizado como um “dever ser”, isto é, um molde ao qual seguir. O fundamento desse saber é a relatividade subjetiva de experiências nomeadas e compartilhadas entre quem as vive, configurando-se como um saber de senso comum, pragmático e funcional. Se não se deve destituir a validade do senso comum, tanto mais aquela gerada no seio das comunidades de prática, o enfoque psicológico, propriamente científico, todavia, não pretenderia legitimá-la sem antes examiná-la. Mais ainda: embora as fontes originais para esses diferentes conhecimentos, o de senso comum e o psicológico, sejam as mesmas, isto é, as percepções de quem vive as experiências, seu acesso, sistematização e razão de ser são outros. Ambos são conhecimentos correlatos, paralelos, respectivamente de senso comum e científico, ou natural e fenomenológico. A diferença entre essas atitudes na relação do sujeito com o conhecimento fará com que, mesmo onde se constata a legitimidade do senso comum, haja atenção à sua situação, isto é, ao modo como o saber generalizado retorna e é aplicado à particularidade relativa com que cada pessoa vive fenômenos correspondentes a tais saberes. Para o bom manejo da aplicação desse conhecimento científico, depende a presença de um profissional de Psicologia do Esporte, cuja formação, como demonstram Matos e Barreira (2023), possibilita a reflexividade determinante para se lidar com a subjetivação, sem toma-la por objeto natural, como fazem outros profissionais, mesmo quando dominam saberes da área.

É raro – e um avanço para a equipe multiprofissional – haver o acompanhamento de uma psicóloga, como é o caso dos atletas ora entrevistados pela mesma profissional que os atende na equipe. Entretanto, se os recursos gerais da psicologia do esporte e da intervenção significam um avanço, há a constatação da carência de conhecimentos psicológicos específicos sobre o contexto de categorias de base no ciclismo.

Em sua produção recente, Phillips e Hopkins (2020), trouxeram uma síntese com os resultados existentes na literatura, anotando uma compreensão das dimensões e características do comportamento de ciclistas que podem contribuir para o aumento das chances de sucesso em corridas. Em seus resultados, as características encontradas foram agrupadas em dimensões, que vêm de encontro com os resultados encontrados em nosso estudo. Características pessoais dos ciclistas, as dinâmicas interpessoais que cercam esses atletas, estratégias de conhecimento sobre provas, pistas e adversários foram usadas para tentar definir o que pode influenciar e proporcionar uma melhora de desempenho. Contudo, como já foi dito, parte das conclusões desse artigo, desponta a necessidade de novas pesquisas que levem em consideração todos esses elementos de uma forma mais unificada, para que essa interação possa ser melhor compreendida. Em grande medida, o que os autores concluíram como uma necessidade científica, é o que suprem as escolhas ora realizadas para investigar as experiências dos atletas: uma compreensão psicológica e pessoal ampla das especificidades dos desafios vividos nessa modalidade.

A revisão bibliográfica sugeriu que essa carência se estende também ao contexto profissional. Logo, ainda que haja um espaço profissional de mediação e de elaboração da dimensão subjetiva dos jovens dessa equipe, falta conhecimento psicológico solidamente embasado acerca da singularidade psicológica da condição de ciclistas, tanto profissionais como da base (Matos e Barreira, 2023). Os desdobramentos práticos desse conhecimento dizem respeito à mesma possibilidade de cotejamento que fisiologia e nutrição esportiva já têm, resguardadas as importantes diferenças relacionadas ao trabalho na esfera da objetividade física e mensurável e ao trabalho na esfera da subjetividade psicológica, de registro qualitativo.

Os conhecimentos que foram alcançados, por meio desse estudo, já podem nos servir como um repertório fecundo para pensarmos intervenções com esse público seletivo. Um detalhe importante a ser considerado aqui é que não basta ter acesso a esse conhecimento, é preciso um olhar atento às particularidades de cada atleta. Na equipe técnica, não é difícil imaginar que muitos dos profissionais que ali atuam até possuam alguma bagagem conceitual da Psicologia do Esporte. No entanto, o psicólogo aparece como responsável para atuar como mediador da “interpretação” do conhecimento entre o corpo objeto (fisiológico) e a experiência (percepção pessoal), por sua capacidade de escuta diferenciada, em especial com o atleta, mas também na comunicação com técnicos e equipe técnica, operando também para tentar facilitar todas essas relações.

Dessa forma, podemos pensar em atendimentos individuais, em que o trabalho de estabelecimento de metas, motivação e periodização possa se atentar às especificidades já apontadas por eles, buscando os encaixes individuais, para frisarmos qual *coping* é mais adequado e eficaz para cada atleta. Sabemos que os desafios ligados ao ciclismo estão, quase sempre, relacionados a uma grande intensidade de força e resistência. Longas distâncias, esforço físico elevadíssimo e riscos. Todavia, conforme expõem os relatos, todas essas adversidades aparecem cercadas de uma satisfação ligada aos avanços adquiridos, que no caso dessa modalidade, não estão só vinculados aos primeiros lugares no pódio, mas a essas conquistas individuais, que acontecem no dia a dia da prática. Isso nos leva a entender que a dureza desse esporte pode nos servir de aliada quando usamos, a favor do atleta, a capacidade de dividir os desafios em obstáculos menores e, mais do que isso, usar o júbilo dos pequenos momentos para alimentá-los ainda mais. Vencer a subida, para ser recompensado com uma descida.

Por isso, como uma forma de tentar mudar esse cenário, acreditamos que oferecer recursos que privilegiem as especificidades dos praticantes do ciclismo, a fim de desenvolver competências que passem por suas experiências, por modificações de suas percepções, por exigências de engajamento e por suas dificuldades, se mostre como forma mais adequada de chegar a esse fim.

Considerações finais

Ao longo dos resultados e no caminhar da discussão, mais do que evidenciar os sentidos comuns, presentes nas falas dos atletas, a comparação metódica das mesmas elucidou sua estrutura intencional, mostrando-as enquanto vivências constituintes desse horizonte apreendido como fenômeno. O processo de amadurecimento deles foi passando por uma inserção na complexidade do ciclismo. Desde o apoio e cooperação inicial de amigos, familiares e técnicos, até a conquista do melhor controle muscular para aperfeiçoar a pedalada, eles foram se experimentando de modo a chegar ao limite da dor e da exaustão, para promover a passagem a um novo modo de viver o desafio do pedal. E esse aprendizado tem a ver com interpretar o que eles sentem fisicamente, um conhecimento muscular, que precisa ultrapassar instruções e se passar na prática, no movimento. A bicicleta aparece não como um meio de transporte, mas como motivo mesmo para se transportarem, para provarem certa fruição de se deslocarem no mundo sendo deslocados de si pelo mundo e, através de suas insistências, desfrutarem de um regozijo ímpar.

Mais do que técnicas e instruções a serem meramente reproduzidas, fomos percebendo que o “ser ciclista” passa por essa percepção pessoal, essa noção de si próprio, para ser efetivo. Há um caminho a ser percorrido aqui, que vai no sentido de uma apropriação efetiva de seus corpos, suas percepções, suas sensações. Então, quando

pensamos em formação de atletas, é promissor levar em consideração uma mediação psicológica que estimule a elaboração das experiências decisivas para o vir a ser ciclista.

Essas ricas descrições podem orientar a organização de contribuições e recursos voltados a pensar em uma Psicologia do Esporte atenta, de fato, às particularidades do ciclismo. De posse desses conhecimentos, o psicólogo do esporte poderá assumir um papel de mediador, tanto entre o atleta e sua comissão técnica, quanto entre o atleta e ele mesmo, através da qualidade de sua escuta – que o diferencia de todos os demais integrantes de comissões técnicas – auxiliando que esses aprendizados ocorram no devido tempo do processo experiencial e existencial do atleta, permitindo que essa formação do jovem o contemple com uma atenção mais integral e integrada. Cuidado, respeito ao tempo e processo de cada um, e escuta são norteadores de relação que comunga da adesão a um mesmo rumo: o propósito de otimização esportiva. Na perspectiva adotada nesse trabalho, afinar a escuta com o horizonte de percepção ora descrito equivale a incrementar sua qualidade.

Entendemos que um interessante caminho para nos aproximarmos da essência intencional da experiência de ser ciclista começou a ser trilhado nessa pesquisa. Entretanto, há muito a ser investigado ainda, apontando aqui para a necessidade de novas pesquisas, com esse caráter qualitativo, que se aproximem das experiências vividas em outras condições empíricas, como a participação em outras equipes, em categorias profissionais e até com ciclistas amadores.

Referências

- Andrade, C., & Holanda, A. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. <http://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada a psicologia: Recursos operacionais para a pesquisa empírica. In M. Mahfoud, & J. Savian Filho (Orgs.), *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, psicologia, educação* (pp. 317-368). São Paulo, SP: Paulus.
- Barreira, C. R. A., & Coelho Júnior, A. G. (2023). A escuta suspensiva: chave operativa da entrevista fenomenológica. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 40. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2023.41146>
- Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: A entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud, & M. Massimi (Org.), *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e pesquisa* (pp. 449 - 466). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Coelho Júnior, A. G., & Barreira, C. R. A. (2023). *Autenticidade e corporeidade na psicologia fenomenológica de Edith Stein*. São Carlos: Pedro & João Editores. <https://doi.org/10.51795/9786526504611>
- Giglio, S. S., Morato, M. P., Stucchi, S., & Almeida, J. J. G. (2008). O dom de jogar bola. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 67-84.

<https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200003>

Harkot, M. K. (2018). *A bicicleta e as mulheres: mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo). <https://doi.org/10.11606/D.16.2018.tde-17092018-153511>

Januário, J. A., Morbi, M. R., & Marques, R. F. R. (2019). A manifestação da herança familiar no campo esportivo: apontamentos preliminares entre posições e subcampos distintos. In G. Watanabe, & S. H. B. S. Leal (Orgs), *Educação, Ciências e Sociedade: Leituras bourdieusianas* (pp. 145-162), Araraquara, SP: Letraria.

Loudcher, J.-F., & Aceti, M. (2009). Le mythe Koblet/Kübler (1945-1964) : Entre le local et le global, une expression de la neutralité et de la modernité dans le cyclisme suisse. *Social Sciences and Sport*, 21(1), 55- 91.

Martins, F. S., & Barreira, C. R. A. (2021). Pesquisa empírica em fenomenologia: problematizações iniciais para um trajeto possível na investigação qualitativa. In: E. S. Mendes (Org.). *Psicologia Fenomenológico Existencial: reflexões, método e intervenções clínicas, sociais e comunitárias*. Curitiba: Bagai, p. 30-42.

Matos, T. S. Q., & Barreira, C. R. A. (2023). Processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e Coaches: um estudo fenomenológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252743>

Merleau-Ponty, M. (2015). *O primado da percepção e suas consequências filosóficas* (S. R. Filho, & T. Martins, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Miller, S., & Hill, P. M. (1999). *Sport Psychology for Cyclists*. VeloPress.

Moustakas, C. (1994). *Phenomenological Research Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Phillips, K. E., & Hopkins, W. G. (2020). Determinants of Cycling Performance: A Review of the Dimensions and Features Regulating Performance in Elite Cycling Performance. *Sports Med Open*, 6(23), 1-18. <https://doi.org/10.1186/s40798-020-00252-z>

Salomão, R. L. (2018). *A experiência vivida por atletas de categoria de base: a cultura sob a ótica fenomenológica* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, - Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-15062018-143111/en.php>

Salomão, R. L., Ottoni, G. P., & Barreira, C. R. A. (2014). Atletas de base de futebol: A experiência de viver em alojamento. *Psico-USF*, 19(3), 443-455. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003007>

Spindler, D. J., Allen, M. S., Vella, S. A., & Swann, C. (2018). The Psychology of Elite Cycling: A systematic review. *Journal of Sports Sciences*, 36(17), 1943 – 1954. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1426978>

Stambulova, N. (2003). Symptoms of a crisis-transition: a grounded theory study. In N. Hassemen (Ed.), *SIPF Yearbook 2003* (pp. 97-109). Örebro, SW: Örebro University Press.

Stein, E. (2021). A ideia de formação (E. P. Gianchi, & J. F. Filho, trad.). *Revista Filosófica São Boaventura*, 15(2), 111-126.

Vannuchi, M. T. (2017). *Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-02102020-003142/es.php>

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício* (6ª. Ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.

Wylleman, P., & Rosier, N. (2016). Holistic Perspective on the Development of Elite Athletes. In M. Raab, P. Wylleman, R. Seiler, A.-M. Elbe, & A. Hatzigeorgiadis (Eds.), *Sport and exercise psychology research: From theory to practice* (pp. 269 – 288). Cambridge, MA: Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-803634-1.00013-3>

Sobre o autor

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Cristiano Roque Antunes Barreira

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

TELEFONE

(016) 3315-0344/33158616

E-MAIL

crisroba@usp.br